

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*)

SELTMAN (Charles). — La mujer en la Antigüedad. Tradução de Mirt Arlt. Buenos Aires. Eudeba. 1965. 242 páginas. Ilustrado.

Tema por excelência, a mulher nem sempre tem recebido dos historiadores ou estudiosos sociais, a merecida atenção. Poucas são as obras que tratam especificamente dela e, quando o fazem, apelam para um pitoresco que, ao invés de esclarecer, obscurece ainda mais o conhecimento que temos da “feminina sapiens”. A obra em epígrafe pretende preencher esta lacuna, no que diz respeito à Antigüidade. Além de que, diz o autor,

“resulta tentador sugerir que una mujer de hoy debe más de lo que cree, o de lo que sabe, a un remoto pasado mediterráneo y europeo” (pág. 229).

Seltman principia apresentando a mulher durante o paleolítico e o neolítico, seja através da arte, seja pelos costumes que, atravessando os milênios chegaria até os dias de hoje. A seguir, no capítulo denominado “Los rios” (pág. 25), busca o autor dar uma visão geral da companheira do homem da Babilônia e em Israel. Segundo o Código de Hamurabi, a jovem era propriedade do pai e por êle será vendida ao pretendente. Veremos, outrossim, que na sociedade babilônica, nitidamente monogâmica

“una esposa sin hijos podía ceder su esclava a su esposo” (pág. 30).

Claro que esta atitude nos faz lembrar a de Sara, esposa de Abraão que, uma vez desiludida de ser mãe, oferece a seu marido sua escrava, Hagar, dizendo

“Vem, rogo, à minha serva, Talvez terei filhos dela” (Gên. XVI, 2).

A semelhança de comportamento deve-se à própria origem mesopotâmica do chamado primeiro hebreu.

Cleópatra e Nefertiti são figuras por demais conhecidas, não somente pelo especialista, como ainda pelo curioso. Esta celebridade da mulher egípcia prende-se ao fato de ser a civilização do Nilo de caráter marcadamente matrilinear, fato aliás compreensível se lembrarmos da base agrícola da economia egípcia. O Autor observa com acuidade que por esta razão, para evitar que a riqueza da família passe para uma outra, através de um noivo qualquer, havia o casamento entre irmãos,

“no solo en las familias de los divinos faraones, sino también entre los nobles, entre la burguesía y aun entre los campesinos” (pág. 43).

Passa a seguir Seltman a procurar algumas generalidades que pudesse extrair das civilizações cretense e micênica, para em seguida, com visível satisfação, tratar das mulheres pós-homéricas que

“fueran las primeras ... que puedan considerarse ejemplos acabados de la civilización occidental femenina” (pág. 68).

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (Nota da Redação).

Falando das espartanas, Seltman nos oferece um apanhado rico em fatos e inteligente nas interpretações. Neste último capítulo verificamos que na Esparta antiga não podia ocorrer o complexo de Édipo, por não haver laços familiares; a prostituição inexistia, pelo companheirismo entre os jovens, onde não se cogitava do tabu da virgindade; o homossexualismo, tão comum em outras civilizações antigas, como nos dias de hoje, era bastante raro. A mulher, além de ter a liberdade sexual de travar relações com o homem que lhe apetecesse

“podía, com mucha frecuencia mantener dos casas con diferentes esposos en cada una” (pág. 87).

Era bem verdade que a mulher não tinha o direito de cidadania idêntico ao homem, nem suas roupas eram variadas, pois usava apenas, e desleixadamente, um peplo dórico mas, termina polêmicamente o Autor

“he llegado a la convicción de que Esparta gozó de más felicidad que todos los diversos y completos grupos sociales femeninos que conocemos” (pág. 90).

Após documentar a posição da mulher na Jônia, também de uma liberdade de costumes muito grande, estuda Seltman a ateniense. Afirma êle que a familiaridade com o sexo era uma forma na Atenas antiga; havia também a prostituição como a entendemos nos nossos dias; o que, porém caracterizava a cidade-estado era as *heteras*, que possuíam esmerada educação e eram independentes, social e economicamente. Posavam como modelos e dentre elas encontramos Aspásia, a amante de Péricles, e Frinéia, que serviu de inspiração a Praxíteles. O ideal feminino era, porém, mais próximo dos nossos conceitos burgueses:

“la muher más altamente considerada, respetada, estimada y que gozaba del afecto de un ombre, era usualmente la esposa, la madre de sus hijos y la que se encargaba por entero de su casa” (pág. 123).

Seltman principia o capítulo VIII mostrando, a partir de testemunhos arqueológicos, atividades das mulheres atenienses. Surgem então as esculturas e relevos de jovens comandando uma procissão ou sendo homenageadas pelo marido, após morrer no parto ou ainda, rostos infantis e puros, competindo nos Jogos Olímpicos. O Autor, conhecedor dos clássicos, invoca o testemunho do cômico Aristófanes para explicar as mulheres já que êste

“las comprendía ... y gustaba de ellas” (pág. 142).

Assim, resume “Lisístrata” que

“es la refutación viviente de la doctrina que sostiene que las mujeres atenienses estaban reducidas a la más llana estupidez debido a que vivían en reclusión” (pág. 144).

Apresenta ainda o genial cômico as duas demais peças da “trilogia feminina” que só vêm corroborar as assertivas anteriores a respeito da mulher ateniense.

No capítulo X o Autor procura estabelecer os traços da mulher ideal entre os antigos gregos, do ponto de vista físico. Diz êle que, embora com algumas particularidades diferentes da mulher ideal dos nossos dias, a mulher grega continua para nós sendo bela, ao contrário de representações femininas de tantos outros povos em épocas por vêzes mais próximas à nossa.

Conclui afirmando que

“los ideales femeninos de belleza corporal durante el siglo cuarto se hallan encarnados por varias figuras de mármol realizadas según la Afrodita-Friné de Praxiteles” (pág. 180).

Já em Roma, onde o patriarcalismo se configurava nitidamente, o homem tinha direito de vida e morte sobre sua esposa ou filha. Mas o *status* social da mulher foi paulatinamente melhorando e, por exemplo, em problemas de herança,

“las hijas heredaron en la misma forma que los hijos” (pág. 187).

Este progresso terá sido fruto, por um lado, da influência dos vizinhos e por outro, das sucessões intermináveis das guerras.

Para Seltman, Jesus era um feminista convicto, o que pode ser verificado por uma série de exemplos que fornece. Paulo de Tarso, porém, era violentamente contrário à mulher. Todo o seu proselitismo estaria marcado pela convicção expressa de que

“el sexo era en verdad una desgracia que apartaba los intereses del hombre de las cosas celestiales” (pág. 202).

Baseando-se nessa convicção, a Igreja conseguiu que o homem medieval acabasse o que fez com que houvesse na Idade Média número imenso de desequilibrados mentais, originados pelo recalque (pág. 218). Quanto à mulher, desde que não pertencesse às classes sociais privilegiadas,

“solo disponían de cuatro carreras: la burguesa esposa (cocinera-ama de casa); la prostituta, la monja y la bruja” (pág. 221).

Na parte final do volume o Autor traça um paralelo entre a mulher na Antigüidade e nos dias de hoje, quando tira uma série de conclusões ousadas mas pertinentes. Conclui recordando a diferença entre a mulher, como sendo a que imprevista e o homem o que planifica, para finalizar com o óbvio:

“la sociedad necesita de ambos” (pág. 230).

JAIME PINSKY

\*

\* \*

ROWLEY (H. H.), *Pequeno Atlas Bíblico*, Trad. e adaptação de Aaron Sapsezian. São Paulo. ASTE. 1966, 24 págs.

Nota-se no Brasil, nestes últimos anos, um crescente interesse pela leitura da Bíblia. As Sociedades Bíblicas e as editôras católicas redobram seus esforços no sentido de divulgá-la. Judeus, católicos e protestantes promovem concursos bíblicos com prêmios de viagem à Palestina para os vencedores. Entre os protestantes, como é sabido, a leitura das Escrituras é praticamente condição para alguém ser membro da Igreja. Nas Escolas Dominicais as estatísticas chegam a incluir um item dedicado ao número de Bíblias presentes.